Gilberto Freyre, *O Nordeste* e a Região Nordeste

FILOMENO MORAES*

Ninguém escreveu em português
No brasileiro de sua língua:
esse à vontade que é o da rede,
dos alpendres, da alma mestiça,
medindo sua prosa de sesta,
ou prosa de quem se espreguiça.

João Cabral de Melo Neto

[...] não só um sociólogo forte e original, mas, também, um poeta.

Manuel Bandeira

I

Duas obras inaugurais sobre o Nordeste brasileiro completam oitenta anos de publicação neste ano, a saber, *O Nordeste*, de Gilberto Freyre, e *O Outro Nordeste*, de Djacir Menezes, ambas publicadas pela Livraria José Olympio Editora, na Coleção Documentos Brasileiros.

Em carta dirigida a José Olympio, datada de 1º de janeiro de 1937, ao informar que o seu *O Nordeste* estaria concluído até o Carnaval, Freyre acrescenta que "deve procurá-lo aí um jovem professor de Sociologia cearense, o Djacir Menezes, que me parece inteligente e é sem dúvida estudioso, sério, um pesquisador e não apenas um livresco, uma das figuras mais interessantes da nova geração do Norte. Já tem um livro publicado, creio que na Globo".[1] O motivo da visita era apresentação ao editor de

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

[1] Carta de Gilberto Freyre a José Olympio, Recife, 1º de janeiro de 1937. In: FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras**: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006, p. 115.

outro livro de Menezes, trabalho que, na visão de Freyre, "em rápido exame me pareceu de interesse para a nossa coleção. Intitula-se *Evolução Social do Nordeste*, mas é sobre o Nordeste pastoril, que tem sua expressão mais característica no Ceará, e não sobre o do açúcar, como o nosso". E sugeria:

> Podia sair ao mesmo tempo que o meu (em abril, não? E com o título O outro Nordeste e o subtítulo Evolução ou Formação do Nordeste Pastoril. Creio que seria uma aquisição valiosa para os Documentos e bem dentro do espírito da coleção, mas como disse, vi os originais rapidamente: o Menezes, que é simpático e ficou de procurá-lo logo aí no Rio [...]. Acho que o ´título O Outro Nordeste ficou bem sugestivo, e seria de fato o estudo que completaria o meu pela zona que estuda, diferente da influência pela cana. [...].[2]

Por sua vez, no prefácio à primeira edição de *O Nordeste*, ao afirmar que o seu ensaio é "uma tentativa de estudo ecológico do Nordeste do Brasil", Freyre destaca que é "de um dos Nordestes", visto que há, pelos menos dois, o agrário e o pastoril. O estudo de Freyre se circunscreveria a "esboçar a fisionomia daquele Nordeste agrário, hoje decadente, que foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira". Do outro Nordeste, traçaria o perfil para a Coleção Documentos Brasileiros "um dos conhecedores mais profundos de sua formação social – Djacir Menezes".[3] Brandindo uma análise objetiva e quantitativa, lastreada num "determinismo multilinear e dialético, com métodos objetivos quanto possível", o pensador cearense pretendia "enquadrar a formação histórica e social do Nordeste dentro da evolução do Brasil, em conexão com o *processus* do desenvolvimento capitalista do Ocidente". E anuncia já no "prefácio" da obra que "é pequena [...] a influência das etnias africanas no Nordeste pastoril, principalmente no Ceará": a "exploração do braço do índio" é que foi preponderante no "trabalho indisciplinado da criação".[4] Neste "outro

---

[2] Ibid., 2006, p. 115.

[3] FREYRE, Gilberto. **O Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro: Global, 2004, p. 37.

[4] MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3. ed. Fortaleza: UFC – Casa José de Alencar, 1995, p. 10. Ainda no "prefácio", Menezes destaca: "Minha documentação neste particular é por vezes quase desconhecida: estava esquecida em velhos jornais antigos, na poeira dos arquivos; em fontes que me apontara a bondade do diretor do Museu Histórico do Ceará, dr. Eusébio de Souza; em trabalhos inestimáveis do lúcido

Nordeste", o de Menezes, que emergiu do período colonial e monárquico, com os seus embates entre sesmeiros, donos de terras, e as "plebes mestiças ou aborígenes rechaçadas", tem-se como diagnóstico:

> A luta entre clãs sertanejos, entre famílias, com seus "moradores", com seus agregados, o fanatismo das massas desarraigadas de condições normais de trabalho, resulta de dupla ordem de fatores poderosos: calamidades clímicas e opressão social. Reação violenta contra eles: temos o bandido. Reação mística: e temos o cangaceiro.[5]

Afirma Menezes que, quando expôs a índole do seu trabalho a Freyre, "esse estimulador e orientador dos estudos de sociologia aplicada no setentrião brasileiro", logo ele percebeu o paralelismo dos dois estudos, o do Nordeste da casa-grande e senzala e o do Nordeste do vaqueiro e dos currais, o do Nordeste do latifúndio e o do Nordeste da exploração pastoril. O Nordeste que se impregnara do sangue negro, a evoluir num sentido, e o Nordeste que se desenvolvera do "trabalho livre das caatingas e de alguns vales úmidos, onde abrolhavam esparsamente núcleos malganglionados de agricultura irregular",[6] a evoluir noutro sentido. Diferentemente do Nordeste de Menezes, o de Freyre é

> [...] o Nordeste das árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sancho-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem a pessoa inchar, pelo próprio mal de comer terra.[7]

Territorialmente, o de Freyre é o Nordeste que começa na Bahia, no Recôncavo, e vai até ao Maranhão, com o seu centro em Pernambuco.

investigador Barão de Studart; em ensaios esparsos de meticulosa probidade, de Carlos Studart Filho; em estudos originalíssimos da penetrante inteligência de Pompeu Sobrinho; nos livros de Antônio Bezerra, Theberge, Paulino Nogueira, Tomaz Pompeu, etc.". Ibid., 1995, p. 10.

5 Ibid., 1995, p. 11.

6 Ibid., 1995, p. 13.

7 FREYRE, Gilberto, op. cit., 2004, p. 45.

É o Nordeste do massapê, da argila, do húmus gorduroso, o que "pode haver de mais diferente do outro, de terra dura, de areia seca".[8] E é também

> Um Nordeste oleoso onde noite de lua parece escorrer um óleo gordo das coisas e das pessoas. Da terra. Do cabelo preto das mulatas e das caboclas. Das árvores lambuzadas de resinas. Das águas. Do corpo pardo dos homens que trabalham dentro do mar e dos rios, na bagaceira dos engenhos, no cais do Apolo, nos trapiches de Maceió.[9]

Para Freire, foi "justamente essa civilização nordestina do açúcar – talvez a mais patológica, socialmente falando, de quantas floresceram no Brasil – que enriqueceu de elementos mais característicos a cultura brasileira".[10] E arremata que, "só quem quiser ser estreitamente convencional no seu sentido do que seja épico, deixará de reconhecer o que houve de epopeia na formação da família patriarcal em terras de massapê no Brasil".[11]

II

Nascido no Recife no último ano do século XIX, Freyre estudou nos Estados Unidos, entre 1918 e 1922. Cursou o bacharelado em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor, instituição privada de afiliação batista, localizada no Estado do Texas. Depois, na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, pós-graduou-se em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, com a tese de mestrado intitulada *Social life in the middle of 19th century*. Na Colúmbia, dois professores exerceram grande influência na sua formação, o antropólogo Franz Boas e o sociólogo Franklin Giddings. Destaque-se também, e mais difusa, a presença intelectual de Oliveira Lima, o afetuosamente denominado *dom Quixote gordo*.[12] Terminados os estudos e demorando-se mais em Paris e Oxford,

8 Ibid., 2004, p. 46.

9 Ibid., 2004, p. 46.

10 Ibid., 2004, p. 194.

11 FREYRE, Gilberto. Introdução. In: NABUCO, Joaquim. **Minha formação**. Brasilia: Senado Federal, 2001, p.23.

12 A propósito, acentua Freyre: "E não me lembro de mestre nenhum, exceto Boas, que viesse a exercer influência tão poderosa sobre minha formação, inclusive os estudos em que me especializaria: os do patriarcado rural e da miscigenação". FREYRE, Gilberto. Oliveira Lima, dom Quixote gordo. In: FREYRE, Gilberto. **Perfil de Euclides e outros perfis**. 3. ed. São Paulo: Global, 2011, p. 87.

Freyre percorreu a Europa, onde conviveu com importantes filósofos, literatos e artistas.

De volta ao Recife em 1924, é encarregado pelo Diário de Pernambuco de organizar livro comemorativo do primeiro centenário de fundação do jornal, o *Livro do Nordeste*,[13] publicado em 1925, a partir de quando o vocábulo Nordeste começa a ter uso corrente.[14] Em 1926, Freyre promove o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo. Antes, em 1924, fundou-se no Recife o Centro Regionalista do Nordeste, com o fim de "desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução histórica, e ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais".[15]

O *Livro do Nordeste* traz à luz o pintor Manuel Bandeira e publica desenhos modernistas de Joaquim do Rego Monteiro e Joaquim Cardoso, além do poema "Evocação do Recife", do poeta Manuel Bandeira. No preâmbulo, Freyre destaca, ufanista, que "do Nordeste há decerto a fixar, no interesse comum de toda a tradição brasileira a memória de um glorioso conjunto de afirmações de brio e de energia construtora", podendo dizer-se que "aqui se escreveu a sangue o sobrescrito ou endereço da nacionalidade brasileira", avivou-se o espírito hispânico e o sentimento católico, padres e senhores de engenho conspiraram pela liberdade do Brasil "numa revolução cheia de beleza moral", nasceu a literatura brasileira ainda nos anos quinhentos, desabrocharam-se ciências e artes de Renascença. Ademais, salienta ter sido no Nordeste que Dom Frei Vital, bispo de Olinda, levantou "a grande voz ortodoxa, na defesa da Igreja de Jesus Cristo e contra as usurpações do liberalismo tirânico", nasceu o gosto especulativo por meio do "homem que no Brasil mais dignidade deu ao esforço de pensar – Farias Brito", partiram os "mais belos clamores contra a escravidão", na voz de Joaquim Nabuco.[16]

A partir de 1926, quando aconteceu no Recife o Congresso Regionalista, Freyre começou a caracterizar a existência do Nordeste, uma

[13] FREYRE, Gilberto e outros. **Livro do Nordeste**: comemorativo do 1º centenário do Diário de Pernambuco (edição fac-similada). 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

[14] LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre**: uma biografia cultural. Trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 275.

[15] Ibid., 2007, p. 292.

[16] FREYRE, Gilberto e outros, op. cit., 1979, p. 3-4.

região distinta da nortista e composta de duas sub-regiões, a saber, a da Mata, de clima úmido, e a do Sertão, de clima semiárido.[17]

IV

Com a publicação de *Casa-grande & senzala*,[18] em 1933, Freire se tornaria o mais importante ensaísta brasileiro dos anos 1930 e 1940, ocupando o lugar que, na década de 20, havia pertencido a Oliveira Vianna.[19] Monteiro Lobato, tratando dos *Grandes Esclarecedores*, observa: "Súbito, um relâmpago. Explodem *Os sertões*"; depois veio Oliveira Vianna, "e foi novo espanto"; finalmente, emerge Freyre: "E Gilberto Freyre tornou-se o Grande Desasnador, o delicioso mestre da verdadeira ciência sociológica como a entendem os homens de gênio".[20]

Como diz Fernando Henrique Cardoso, "*Casa-grande & senzala* foi, e será referência para a compreensão do Brasil", [21] apesar de ressaltar que a crítica nem sempre foi generosa com Freyre, mostrando as suas contradições, o seu conservadorismo, a palavra fácil sufocando o rigor

---

[17] ANDRADE, Manoel Correia de. Gilberto Freyre e o impacto dos anos 30. **Revista USP**, São Paulo, nº 38, jun./ago. 1998, p. 44. No entanto, convém ressaltar que, já em 1921, Agamenon Magalhães apresentou tese professoral à Congregação do Ginásio Pernambucano, com observações históricas, geográficas, meteorológicas, geo-humanas e fisiográficas, além de impressões pessoais, sobre o Nordeste. MAGALHÃES, Agamenon. **O Nordeste brasileiro**. 3. ed. Recife: Editora Asa Pernambuco, 1985. Antes, observava Gustavo Barroso: "No tempo em que foi publicado este livro [**Terra de sol**: natureza e costumes do Norte], 1911-1912, ainda não estava em uso corrente o termo *Nordestino*, hoje empregado para designar os habitantes da região das secas, outrora denominados simplesmente *nortistas*". Citado por MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. **Gustavo Barroso**: um cearense "ariano". Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006, p. 90.

[18] FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 121-645.

[19] WEFFORT, Francisco C. **Formação do pensamento político brasileiro**: ideias e personagens. São Paulo: Ática, 2006, p. 276.

[20] LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. Rio de Janeiro: Globo, 2009, p. 98 e 99. Lobato assevera mais: "E além da mediocridade da inteligência, há mais coisas que Gilberto teve o dom de ofender: o narcisismo patriótico, o jesuitismo de todas as cores, a velha mentira social clássica, que, apesar de tão *faisandée*, ainda vige e viça, sobretudo no clã dirigente [...]". Ibid., 2009, p. 100.

[21] CARDOSO, Fernando Henrique. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 80.

científico, as suas idealizações e "tudo que, contrariando os seus argumentos, era simplesmente esquecido".[22]

Quatro fases podem ser vislumbradas na produção intelectual de Freyre. A inicial, que se estende de 1917 a 1930, e que compreende o período em que viveu nos Estados Unidos e na Europa, e a sua atuação no Recife, na volta, estando dirigida fundamentalmente para o levantamento da vida social brasileira e para a afirmação regionalista. Na segunda, nos anos 30 e 40, a obra tende a explicar a formação da sociedade patriarcal, com ênfase na colonização portuguesa e na participação do escravo negro, com o destaque para a problemática ecológica. A terceira fase, nos anos 50 e 60, centrou-se nos problemas internacionais, com a teoria luso-tropicalista e a ideia de uma comunidade luso-brasileira. Por fim, na quarta fase, Freyre persistiu nas ideias da juventude e da maturidade, dedicando atenção ao Manifesto Regionalista, mas também diversificando os interesses e espraiando-os pela literatura e pelo ensaísmo dirigido a temas específicos, como a modernidade e o crescimento urbano.[23]

A publicação de *Nordeste* veio na transição entre a segunda e a terceira fase, ocasião em que já era nacionalmente conhecido e reconhecido como pensador que fizera emergir uma autoimagem positiva para o Brasil, transcendendo o racismo presente em autores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna,[24] e esconjurando os projetos de branqueamento.

O ensaio *O Nordeste* é, concomitante, um trabalho de Sociologia e de Antropologia, de Ecologia e de Geografia.[25] E também de História Social e de Política, inclusive, com consequências políticas substantivas. O *leitmotiv* do livro é a cana, tratada em seis capítulos, a saber, a cana e a terra, a cana e a água, a cana e a mata, a cana e os animais, a cana e o homem e, novamente, a cana e o homem (conclusão). No prefácio à primeira edição, diz-se que o centro de interesse do livro é o homem, fundador de lavoura e transplantador e criador de valores à sombra da agricultura, "ou antes, da monocultura da cana". É o homem colonizador, em suas relações

[22] Ibid., 2013, p. 81.

[23] ANDRADE, Manoel Correia de, op. cit., 1998, p. 38-47.

[24] OLIVEIRA, Lucia Lippi. Gilberto Freyre e a valorização da província. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n° 1, jan./abr. 2011, p. 118.

[25] ANDRADE, Manoel Correia de, op. cit., 2004, p. 16.

com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África.[26]

O ensaio freyreano porta "uma visão ecológica e elegíaca da exuberante civilização do açúcar"[27], e, segundo o próprio autor, "não se trata de sondagem nem de análise minuciosas, estudo "mesmo esquemático e quase impressionista", tentativa de "esboçar a fisionomia daquele Nordeste decadente", concluindo:

> Este trabalho já disse que era quase impressionista. A civilização do açúcar no Nordeste exige uma análise demorada, que só se poderá fazer, com inteira amplitude científica, juntando-se vários especialistas para um esforço comum; e reunindo-se toda a documentação possível; a antropológica com a história, a sociológica com a psicologia; a geológica com a botânica.[28]

Mas, acrescentava que o estudo, apesar de mais impressionista do que os anteriores, também exigiu "pesquisas pelos arquivos regionais e portugueses; esforços de investigação; várias excursões pelas velhas zonas de plantação de cana".[29] Desde a pesquisa para *Casa-grande & senzala* (1933), Freyre já fizera uso de variadas, diferentes e heterodoxas - para a época – fontes, como cartas e livros de viagem, diários e autobiografias, folhetins, cadernos de receita e livros de modinha, além de material jornalístico. Fontes que, muitas vezes, desprezava a retórica bacharelesca dos "ruysbarbosas" e dos "octaviosmangabeiras", como bem atestam os seus versos no poema *Bahia de Todos os Santos e quase todos os pecados*:

> [...]
> eu detesto teus oradores, Bahia de todos os santos
> teus ruys barbosas teus octaviosmangabeiras
> mas gosto dos teus angus e das tuas mulatas
> tabuleiros flores de papel candieirinhos
> tudo à sombra das tuas igrejas
> [...].[30]

---

[26] FREYRE, Gilberto, op. cit., 2004, p. 37-38.

[27] LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo, op. cit., 2007, p. 276.

[28] FREYRE, Gilberto, op. cit., 2004, p. 43.

[29] Ibid., 2004, p. 42.

[30] Citado por LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo, op. cit., 2007, p. 302.

A grande conclusão do livro é que a civilização do açúcar, em muitos sentidos patológica, fundamentalmente por transformar o homem do povo num desajustado, num ser dramaticamente isolado. No entanto, tal civilização foi mais criadora de valores políticos, estéticos e intelectuais do que outras civilizações, a saber, a pastoril, a das minas, a da fronteira, a do café, que foram mais saudáveis, mais democráticas, mais equilibradas quanto à distribuição dos bens e da riqueza.

Para Manuel Bandeira, quanto à linguagem, ao estilo, "*Nordeste* renova o mesmo sabor sensual, denso, oloroso de *Casa-grande & senzala*". Há nele "o mesmo jeito tardo e como que preguiçoso de fazer ponto e abrir períodos para elementos de igual categoria sintática, tique peculiar que dá tanta personalidade à prosa tão genuinamente brasileira e até pernambucana de Gilberto Freyre". [31]

V

Durante a Colônia, o território brasileiro costumava ser dividido, genericamente, em Norte e Sul, com o Nordeste de hoje e Amazônia integrados no mesmo bloco territorial. As "províncias do Norte", durante o Império, e os "Estados do Norte", durante a República Velha, eram a denominação geográfica. Como acentuou Manoel Correia de Andrade, "uma das grandes contribuições do livro *Nordeste* à cultura brasileira foi a de definir o que é uma região e a sua importância no contexto do território nacional".[32] De fato, Freyre percorreu um longo caminho no "processo de recriação imaginativa da região".[33]

Como espaço geográfico, o Nordeste foi oficializado durante o Estado Novo, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) criou a Divisão Regional do Brasil, constituída das Regiões Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. A valorização regional tinha, inclusive, o sentido de combater as oligarquias estaduais e integrar as partes em um todo, o Estado nacional, valorizando diferenças geoeconômicas e socioculturais.[34] Muitas vicissitudes marcaram o evoluir da questão

[31] DIAS, Silvana Moreli Vicente. **Cartas provincianas**: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. São Paulo: Global, 2017, p. 245.

[32] ANDRADE, Manoel Correia de, op. cit., 2004, p. 32.

[33] LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo, op. cit., 2007, p. 276.

[34] SOUZA, Ésio de. **O Nordeste brasileiro**: invenção, espaço e dinâmica. Brasilia: Senado Federal, 2017.

do Nordeste, as normatizações constitucionais,[35] o nascimento, paixão e morte da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), *a fantasia organizada* e a *fantasia desfeita*,[36] a tese da inclusão no texto constitucional de, além da União, dos Estados-membros e dos Municípios, um quarto nível de poder na organização federativa brasileira: as Regiões.[37]

O *locus* da "civilização mais criadora de valores políticos, estéticos e intelectuais", da construção de Freyre, nos dez anos que antecederam o golpe civil-militar de 1964, tornou-se uma "zona explosiva", muito bem retratada num "estudo de sociologia participante ou comprometida", de autoria do também pernambucano Josué de Castro, muito na contramão da sociologia freyreana.[38] No livro, o poema de João Cabral de Melo Neto, dos *Cemitérios pernambucanos*, é citado como epígrafe do primeiro capítulo: "Nenhum dos mortos daqui/vem vestido de caixão./Portanto eles não se enterram/são derramados no chão". Tal capítulo, intitulado "A reivindicação dos mortos", trata da fundação da primeira das Ligas Camponesas, por João Firmino, morador do Engenho Galileia, na Zona da Mata pernambucana, em 1955. Não fora o de melhorar as condições de vida dos camponeses da região açucareira, ou de "defender os interesses desses bagaços humanos, esmagados pela roda do destino, como a cana é esmagada pela moenda dos engenhos de açúcar", o objetivo das Ligas. A finalidade inicial era "defender os direitos dos mortos, não os dos vivos", "os interesses dos mortos de fome e de misérias; os direitos dos camponeses mortos na extrema miséria da bagaceira". Para dar-lhes, "o direito de dispor de sete palmos de terra onde descansar os seus ossos e o de fazer descer o seu corpo à sepultura dentro de um caixão de madeira

[35] MORAES, Filomeno. **A constituição econômica brasileira**: história e política. Curitiba: Juruá, 2011.

[36] FURTADO, Celso. **Obra autobiográfica**: A fantasia organizada, A fantasia desfeita, Os ares do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

[37] BONAVIDES, Paulo. O caminho para um federalismo das regiões. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, nº 65, p. 115-126, jan./mar. 1980.

[38] Enfatiza Castro: "Não. Não é este um ensaio de sociologia clássica. De uma sociologia acadêmica, espartilhada na camisa de força de uma metodologia que sempre tentou separar a função do sociólogo, da de um simples inventariante de tudo aquilo que se apresenta aos seus olhos, teleguiados por métodos de trabalho consagrados. O nosso estudo sociológico é o oposto deste gênero de ensaio. É um estudo de sociologia participante ou comprometida". CASTRO, Josué de. **Sete palmos de terra e um caixão**: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

de propriedade do morto, para com ele apodrecer lentamente eternidade afora".[39] Depois, tornar-se-iam instrumentos de defesa dos vivos.

A agitação daquele tempo retratado por Castro, em *Sete palmos...*, foi sepultada pela brutalidade da ditadura inaugurada em 1964, que anulou, inclusive, a "organização da fantasia". Quase no final do governo do marechal Arthur da Costa e Silva, o Decreto-Lei n° 564, de 1° de maio de 1969, estendeu a Previdência Social ao trabalhador rural, especialmente aos empregados do setor agrário da agroindústria canavieira, mediante um plano básico; o Decreto-Lei n° 704, de 24 de julho de 1969, ampliou o plano básico de Previdência Social Rural; o Decreto n° 65.106, de 6 de setembro de 1969, aprovou o Regulamento da Previdência Social Rural. Já neste século XXI, Luiz Inácio Lula da Silva trouxe o Bolsa-Família. Cada governo, com as suas brutais diferenças, no entanto, cada um a seu modo e com as suas circunstâncias, viu o fim da História.[40]

De toda sorte, o regionalismo de Freyre expressa um novo modo de pensar a crise nordestina, que vem de longe. Foi o pioneiro em atribuir-lhe nova perspectiva.[41]

VI

Ao lado de pensadores, entre tantos, como Djacir Menezes, Celso Furtado, Josué de Castro e Manoel Correia de Andrade, Evaldo Cabral de Melo e Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Freyre acabou por constituir-se como uma das figuras exponenciais do pensar sobre o Nordeste, pela

[39] MORAES, Filomeno. Leitura e releitura: *Sete palmos de terra e um caixão - ensaio sobre o Nordeste, área explosiva,* de Josué de Castro. **Scriptorium**, Fortaleza, v. 6, p. 37-44, 2016.

[40] Ibid., 2016, p. 37-44.

[41] CHACON, Vamireh. Introdução. Gilberto Freyre: constituinte e parlamentar. In: FREYRE, Gilberto. **Perfis parlamentares**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994. p. 34. Há trabalhos recentes assaz críticos sobre a *invenção* do Nordeste. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. ex., salienta a mera estratégia das elites nordestinas para assegurar a sua dominação sobre um espaço que é pura invenção. Também Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes registra a "confusão em que estamos mergulhados", depois que "a nossa tradição letrada inventou, em época recente, a existência disso que passou a ser chamado o 'Nordeste' e os 'nordestinos' – falácia que, de tanta repetida, passou a ser incorporado pelas próprias gentes 'nordestinas', que se deixaram nordestinizar e foram nordestinizadas". MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Existe o Nordeste? Histórico da invenção de uma região. In: O POVO. **Anuário do Ceará 2010-2011**. Fortaleza: O Povo, 2010, p. 707. Para outra visão da problemática da "região" Nordeste, cf. BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, São Paulo, nº 71, p. 41-79, 2007.

contribuição que proporcionou para o desenvolvimento de uma ciência social autônoma e de um conceito de região.

Evidentemente, as suas ênfases na "pernambucidade" e na "recifensidade" provocaram a "pernambucalização" e a "recifelização" do seu Nordeste. Num certo sentido, em *O Nordeste*, Freyre se enquadra na constatação do primeiro historiador brasileiro: "Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse por negligência dos portugueses, que sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitam delas, mas contentam-se de andar arranhando ao longo do mar como caranguejos".[42]

Freyre ajuntava às suas críticas à tradição um muito de nostalgia, além de uma sensibilidade conservadora a par de uma capacidade de inovação. Como salienta Weffort, "reconhecendo o negro e o mestiço, reconheceu o povo do qual eram (e são) a maioria. Combatendo o racismo, criticou uma atitude que, discernindo negros e mestiços, por via indireta, negava reconhecimento à existência do povo brasileiro".[43]

Os cientistas sociais da *Escola Paulista* foram os que mais criticaram aspectos substanciais da obra de Freyre. De outra parte, o Instituto Brasileiro de Estudos Sociais (ISEB), os cepalinos e o Partido Comunista, ao defenderem um país livre do passado e contrário à nostalgia do passado atribuída a Freyre, foram pródigos na crítica aberta ou velada aos seus estudos e manifestações públicas, muitas vezes caracterizadas por um viés conservador bastante visível. Também da esquerda revolucionária do seu Estado de Pernambuco, soou arrasadora a visão dos seus contemporâneos, nas palavras apaixonadas de um deles:

> Naquele tempo, [1939] Gilberto Freyre era o Mestre, o Ídolo. Hoje é o solitário de Apipucos. Bastaria ter escrito *Casa Grande e Senzala*. Foi a sua fase autêntica em que fez discípulos e levou o Brasil a se reclinar às margens do Capibaribe. Quando se distanciou da boa fonte para o luso-tropicalismo e outras incursões pelo mundo salazarista, Gilberto Freyre caiu como uma pedra no fundo de um poço. [...].[44]

---

[42] SALVADOR, Frei Vicente do. **Historia do Brazil** (1500-1627). Curitiba: Juruá, 2010, p. 39.

[43] WEFFORT, Francisco C., op. cit., 2006, p. 284.

[44] JULIÃO, Francisco. **Até quarta, Isabela**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 32-33.

De todo modo, não deixa de ter razão, Cardoso, que, num esforço revisionista do mestre de Apipucos, observa:

> De alguma forma Gilberto Freyre nos leva a fazer as pazes com o que somos. Valorizou o negro. Chamou a atenção para a região. Reinterpretou a raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com mais força do que todos, que a mestiçagem, o hibridismo e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil.[45]

"A monocultura, a escravidão, o latifúndio – mas principalmente a monocultura – aqui é que abriram na vida, na paisagem e no caráter da gente as feridas mais profundas",[46] são palavras de Freyre a ressoar. E, oitenta anos depois, faz com não se cale a pergunta incômoda: as "feridas mais profundas" constatadas em 1937 continuam abertas, impactando a vida, a paisagem e o caráter da gente?[47]

Afinal, e como síntese, pode dizer-se que o octogenário *O Nordeste*, de Freyre, e o octogenário *O Outro Nordeste*, de Menezes, são aqueles faróis que, embora antigos, não deixam de orientar na atualidade a compreensão das vicissitudes trágicas e das vicissitudes alvissareiras vivenciadas pelas gentes brasileiras nas últimas oito décadas.

Fortaleza (capital do Nordeste de "terra dura, areia seca"), agosto de 2017.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

ANDRADE, Manoel Correia de. Uma visão autêntica do Nordeste. In: FREYRE, Gilberto. O Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro: Global, 2004, p. 13-36.

45 CARDOSO, Fernando Henrique, op. cit., 2013, p. 90.

46 FREYRE, Gilberto, op. cit., 2004, p. 38.

47 ROGERS, Thomas D. **As feridas mais profundas**: uma história do trabalho e do ambiente do açúcar no Nordeste do Brasil. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

ANDRADE, Manoel Correia de. Gilberto Freyre e o impacto dos anos 30. Revista USP, São Paulo, nº 38, p. 38-47, jun./ago. 1998.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. Lua Nova, São Paulo, nº 71, p. 41-79, 2007.

BONAVIDES, Paulo. O caminho para um federalismo das regiões. Revista de Informação Legislativa, Brasília, nº 65, jan./mar. 1980, p. 115-126.

CARDOSO, Fernando Henrique. Pensadores que inventaram o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CASTRO, Josué de. Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CHACON, Vamireh. Introdução. Gilberto Freyre: constituinte e parlamentar. In: FREYRE, Gilberto. Perfis parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994. p. 13-62.

DIAS, Silvana Moreli Vicente. Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. São Paulo: Global, 2017.

FREYRE, Gilberto. Oliveira Lima, dom Quixote gordo. In: FREYRE, Gilberto. Perfil de Euclides e outros perfis. 3. ed. São Paulo: Global, 2011, p. 86-103.

FREYRE, Gilberto. O Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. Rio de Janeiro: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). Intérpretes do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 121-645.

FREYRE, Gilberto. Introdução. In: NABUCO, Joaquim. Minha Formação. Brasília: Senado Federal, 2001. p. 9-23.

FREYRE, Gilberto e outros. Livro do Nordeste: comemorativo do 1º centenário do Diário de Pernambuco (edição fac-similada). 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

FRANZINI, Fábio. À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

FURTADO, Celso. Obra autobiográfica: A fantasia organizada, A fantasia desfeita, Os ares do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JULIÃO, Francisco. Até quarta, Isabela! 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. Gilberto Freyre: uma biografia cultural. Trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LOBATO, Monteiro. Prefácios e entrevistas. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

MAGALHÃES, Agamenon. O Nordeste brasileiro. 3. ed. Recife: Editora Asa Pernambuco, 1985.

MENEZES, Djacir. O Outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3. ed. Fortaleza: UFC - Casa José de Alencar, 1995.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Existe o Nordeste? Histórico da invenção de uma região. In: O POVO. Anuário do Ceará 2010-2011. Fortaleza: O Povo, 2010. p. 701-707.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Gustavo Barroso: um cearense "ariano". Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006.

MORAES, Filomeno. Leitura e releitura: *Sete palmos de terra e um caixão - ensaio sobre o Nordeste, área explosiva,* de Josué de Castro. Scriptorium, Fortaleza, v. 6, p. 37-44, 2016.

MORAES, Filomeno. A constituição econômica brasileira: história e política. Curitiba: Juruá, 2011.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Gilberto Freyre e a valorização da província. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 26, n° 1, p. 117-149, jan./abr. 2011.

ROGERS, Thomas D. As feridas mais profundas: uma história do trabalho e do ambiente do açúcar no Nordeste do Brasil. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brazil (1500-1627). Curitiba: Juruá, 2010.

SOUZA, Ésio de. O Nordeste brasileiro: invenção, espaço e dinâmica. Brasilia: Senado Federal, 2017.

WEFFORT, Francisco C. Formação do pensamento político brasileiro: ideias e personagens. São Paulo: Ática, 2006.